

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA REGIÃO DO IGARAPÉ DO LAGO, RIO MARACÁ, AMAPÁ: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

VERA GUAPINDAIA¹

A tentativa de conhecer as práticas funerárias de povos do passado através de vestígios arqueológicos possui sérios limites pois, estamos restritos àqueles vestígios que se preservaram ao longo do tempo. Mesmo com estas limitações, ao encontrar sítios-cemitérios, é impossível não relacioná-los a rituais funerários. Como bem observou Montardo (1995) “o registro funerário é reflexo do contexto do ritual funerário, portanto, é evidência do comportamento humano diante da morte”.

O ritual funerário é um dos aspectos culturais importantes para compreender o modo de vida de uma sociedade, pois a morte causa perplexidade para o homem levando-o a criar maneiras de enfrentá-la. Nos estudos arqueológicos, a reconstituição deste ritual está longe de ser completamente recuperada. No entanto, os sítios-cemitérios possuem um grande potencial informativo por apresentar três aspectos: o biológico, o cultural e o tafonômico (Guapindaia, Mendonça de Souza, e Ribeiro, inédito). A observação conjunta destes fatores amplia a possibilidade de um melhor entendimento da sociedade estudada.

As primeiras observações sobre as práticas funerárias de Maracá foram as de Ferreira Penna (1872), que embora dizendo não “ter base suficiente para formar juízo seguro sobre a significação simbólica” das urnas, faz algumas considerações a respeito. Uma das mais interessantes, é sobre o disco que fica em cima da tampa das urnas, que considera ser a representação de uma

umbrella. Ele relaciona seu uso ao costume dos “antigos floridianos cujos magnatas ... eram ... conduzidos em liteiras por seus súditos ao mesmo tempo que a cabeça era abrigada do sol por *umbrellas* de plumas ou de pelos de cores esplêndidas”. Ao fazer esta comparação, Penna considera a existência de rituais funerários envolvendo as urnas.

Outro aspecto observado por Penna, e que pode ser considerado como uma das características do ritual funerário, é a existência de uma ordem no arranjo dos ossos no interior das urnas. Segundo ele, os ossos “chatos” são colocados “no centro e parte no fundo, os pequenos sobre estes, os longos encostado às paredes do vaso e por cima de todos os crânios apoiando-se em parte sobre as cabeças do fêmur e úmero”.

Os trabalhos de Hartt(1885), Lima Guedes(1887), Goeldi(1887) e Farabee(1921) sobre as urnas Maracá descrevem os achados e tentam estabelecer relações entre os vestígios arqueológicos e as informações deixadas por viajantes e cronistas que estiveram na região ou no seu entorno. Não tocam especificamente na questão dos rituais funerários mas suas descrições e comparações resultaram em valioso material de consulta.

A partir de 1994 teve início o Projeto Maracá, cujo objetivo principal propõe compreender a ocupação pré-histórica na área do Igarapé do Lago no Estado do Amapá (Guapindaia&Machado,1997; Guapindaia, 1999). O potencial arqueológico da área já era conhecido desde o século XIX, mas esta ainda não tinha sido objeto de pesquisas sistemáticas. Como resultado dos trabalhos de campo que estão sendo desenvolvidos desde 1995 foram registrados dezesseis sítios, sendo treze sítios-cemitérios. O registro de treze sítios-cemitérios na região e a observação da grande quantidade de urnas *in loco*, permitiu a formulação de algumas reflexões relativas as práticas funerárias.

Os sítios-cemitérios da região de Maracá são caracterizados por apresentarem na superfície de abrigos ou grutas, urnas antropomorfas ou zoomorfas contendo ossos. Portanto, as evidências arqueológicas indicam que o funeral dos antigos habitantes da região era constituído por dois momentos rituais: o funeral primário, no qual as partes moles do corpo eram descartadas, e o funeral secundário, no qual os ossos eram depositados desarticulados dentro de urnas de cerâmicas. Quanto ao funeral primário, só é possível supor que deveriam existir práticas, como as registradas por Humboldt(1852-53), Creveaux(1883) e Roth(1924) para os índios americanos. Roth afirma que antes do contato com as influências européias as principais nações indígenas praticavam a exumação e davam destinos variados aos ossos (queimavam, consumiam em bebidas, distribuíam entre os parentes, depositavam em urnas, etc.). Do funeral secundário, que consistia em depositar os ossos descarnados na

urnas, foi possível observar que os enterramentos são individuais, isto é, só existe um único indivíduo em cada urna e mais, há a correspondência do sexo da urna com o sexo do indivíduo. Outro aspecto característico, para o qual Ferreira Penna já havia chamado atenção, é a existência de um arranjo intencional na disposição dos ossos no interior das urnas. Observou-se, que a pélvis é colocada no fundo da urna, os ossos longos encostados na parede direita, as costelas, os ossos das mãos e pés sobre a pélvis e sobre eles o crânio.

Além das práticas rituais, podemos considerar também como uma característica dos costumes funerários dos povos que habitavam a região em torno do Igarapé do Lago, a utilização de grutas para abrigar as urnas. Todos os sítios-cemitérios conhecidos até o momento, estão localizados em um afloramento rochoso de arenito ferruginoso que possui entre 87 e 110 de metros altura, conhecido como Serra do Laranjal. Essa formação rochosa proporcionou o surgimento de cavidades de vários tamanhos, que formaram desde grutas até pequenos abrigos. As urnas foram encontradas tanto em grutas como em pequenos abrigos, sugerindo que aparentemente não havia preferências quanto ao tamanho na hora de depositá-las. Assim, as urnas foram encontradas em grutas ou abrigos cuja altura variava desde 0,80m a 2,50m, profundidade desde 4,70m a 16,00m e largura de 3,30 m a 21,00m.

A distribuição do material também não parece privilegiar uma área específica no interior da gruta/abrigo, pois em algumas o material está em local de fácil acesso, próximo a entrada, enquanto em outras está depositado ao fundo. A maioria das grutas apresentava o material próximo a entrada, como a Gruta do Pocinho, a Lapa do Pocinho, a Gruta do Periquito, Abrigo das Caretas, a Gruta das Formigas, a Gruta do Baiuna, a Gruta da Caba, a Gruta do Jaboti e a Gruta do Veado. A Gruta da Caba apresentou uma característica peculiar, que é o fato de possuir duas áreas diferentes, a primeira formada por um abrigo que alcança no máximo 2m de profundidade. Seguindo a mesma parede do abrigo está a segunda área, que é resultado de um aprofundamento na rocha que chega a atingir 8m, formando uma gruta. As urnas estavam todas colocadas no abrigo de maneira que ao chegar ao local a visão delas é imediata. Na parte mais profunda, que não é visível ao primeiro olhar, não haviam urnas, apenas pedaços de pequenas vasilhas e de fragmentos de quartzo.

Nos sítios, Gruta das Caretas, Lapa das Caretas e Gruta do Cururu, o material foi colocado ao fundo. Nas duas primeiras, ao entrar no máximo dois metros, já era possível ver as urnas e o interior tinha boa visibilidade não sendo necessário o uso de iluminação artificial. Na Gruta do Cururu, só era possível ver as urnas depois de entrar cerca de oito metros no local. A gruta possui dois salões, no primeiro que é o maior não havia material. Para alcançar o segundo

salão, onde estavam as urnas, foi necessário transpor engatinhando uma passagem de 80cm de altura por 70cm de largura. As urnas estavam em um local completamente escuro sendo necessário a utilização de lanternas para vê-las. Na Gruta do Carrapato, o material também, não estava depositado no salão principal que era o maior, encontrava-se em um pequeno salão escuro.

A observação da maneira como as urnas estavam arranjas nas cavernas ou abrigos, certamente indica que não havia a intenção de enterra-las, ou seja, o objetivo era de mantê-las visíveis. Embora todas as urnas estivessem na superfície, observou-se a existência de duas maneiras de tratar a sua visibilidade, uma onde as urnas ficam completamente expostas, sendo possível vê-las antes de entrar no local e outra onde só é possível vê-las ao entrar na gruta. A visibilidade intencional das urnas pode estar ligada a existência de uma relação especial entre o cemitério e a aldeia, que talvez incluísse a visitaçào, a manutenção das exéquias e seus acompanhamentos, a existência de formas de culto ou consulta e assim por diante (Guapindaia, Mendonça de Souza, e Ribeiro, inédito).

A visão das urnas, ao se deparar com um cemitério Maracá, causa impacto. Isso acontece, mesmo que a grande parte delas estejam caídas e fragmentadas. A visão do cemitério em pleno funcionamento, isto é com as urnas inteiras e colocadas em sua posições originais, deveria causar ao observador um sentimento de temor e respeito; e talvez fosse essa a intenção. Ferreira Penna(1877), já havia observado este aspecto, ao chamar atenção sobre a impressão que causam estas urnas quando estão colocadas lado a lado. Diz que o fizeram “recordar as figuras imponentes dos caribas, tão belamente descritas por Humboldt, cujos corpos altos, tintos de urucu, meio cobertos até uma das espáduas por um pano azul escuro, assemelhavam-se às estátuas de bronze que se erguiam ao céu azul no meio das estepes”.

Quanto a sua forma, as urnas utilizadas no funeral secundário podem ser divididas em três tipos as simples, as antropomorfas e as zoomorfas. O primeiro tipo, só foram encontrado por Guedes (1896), ocorrendo associado com os outros dois tipos. Nas pesquisas mais recentes do Projeto Maracá, não foram encontradas urnas simples. A distribuição dos tipos de urnas nas novas grutas mostram que existem:

- 1) duas que guardavam urnas zoomorfas,
 - 2) quatro com urnas zoomorfas e antropomorfas
 - 3) quatro apresentaram urnas antropomorfas com acompanhamento funerário
 - 4) duas apresentaram urnas antropomorfas sem acompanhamento
- O maior número de urnas encontradas são do tipo antropomorfo, levando

do a supor que as zoomorfas seriam utilizadas em ocasiões especiais, por exemplo para enterramento de pessoas com status diferenciado (pajés, chefes).

As características mais marcante das urnas antropomorfas de Maracá, são sua postura sentada em bancos com as mãos apoiadas sobre os joelhos e a identificação de gênero (feminino ou masculino). A observação minuciosa destes objetos revela a presença de adornos e pinturas corporais distribuídas por toda a urna. As referências etnográficas sobre o uso de adornos e pinturas corporais apontam que seu uso não está restrito apenas aos momentos rituais, mas que alguns grupos fazem uso destes elementos no cotidiano. As pinturas e adornos corporais, por exemplo, são utilizadas cotidianamente pelos Xerentes, Xicrin e Kadiweu para integrá-los à natureza e ao mesmo tempo diferenciá-los dos outros animais tornando-os humanos (Ribeiro, 1987). Entre os Xerente ainda, os diferentes motivos pintados no corpo, representam castas ou “partidos” (Silva & Farias, 1992)

Nas urnas de Maracá, como já descrito, há a representação da utilização de adornos e pinturas corporais. A decoração das peças seja com adornos aplicados ou pinturas certamente não foram realizadas somente com finalidade estética, mas devem possuir significados que marcam o status do morto ou talvez a sua integração com a natureza (Carvalho, 1983).

Além da ornamentação corporal, existe nas urnas Maracá o uso do mobiliário: os bancos. Estes objetos, segundo a literatura etnológica, representam muito mais que simples artefatos destinados ao conforto pessoal. Segundo definição de Berta Ribeiro (1988) “os bancos ...destinam-se aos chefes, pajés, e visitantes, sendo prerrogativa masculina”. No seu trabalho sobre o simbolismo sexual e religioso dos índios Tukano Reichel-Dolmatoff (1971), diz que os objetos da cultura material, não somente aqueles destinados a funções mágica, contém um profundo significado simbólico. Entre eles, cita como exemplo o uso dos bancos, que são objetos cuja função não é apenas oferecer ao corpo repouso, mas também proporcionar concentração mental. Esse aspecto é expresso idiomáticamente quando os índios dizem que uma pessoa não é capaz de fazer julgamentos, eles dizem que “ela não tem banco”. Os bancos entre eles, também são usados em rituais de puberdade masculino pelos pajés.

Nas urnas Maracá, todas as figuras estão sentadas em bancos. Estes sempre representam um animal, possuindo cabeça e cauda, o que reforça ainda mais a sugestão que estes objetos tem uma dimensão mágica. Outro aspecto que chama atenção entre eles, é o fato de apresentarem tanto figuras masculinas como femininas sentadas. Considerando que a prerrogativa de sentar em bancos é do sexo masculino, este fato pode levar a pensar que nos tempos pré-históricos as mulheres ocupavam papéis de destaque na sociedade, com já

foi sugerido por Roosevelt (1988).

Os dados e as reflexões expostos neste trabalho, estão longe de ser conclusivos, na verdade constituem uma tentativa de sistematizar as primeiras considerações sobre as práticas funerárias na região do rio Maracá e de levantar algumas questões que serão investigadas no desenvolvimento do projeto.

¹Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi /Departamento de Ciência Humanas/ Área de Arqueologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Carlos A. P., Relatório do subprojeto Descrição e Análise das urnas funerárias do sítio AP-MZ-30: Grutas das Caretas. Fevereiro de 2000, Inédito.
- CARVALHO, Silva M. S. A Cerâmica e os Rituais Antropofágicos. **Revista de Antropologia**. Volume 26. São Paulo, 1983.
- CREVEAUX, J. Voyages dans L'Amerique du Sud. Paris. Librarie Hachette et Cie., 1883
- GUAPINDAIA, Vera L. C. & MACHADO, Ana, L. C. O Potencial Arqueológico da Região do Rio Maracá. Ig. do Lago (AP). Boletim do MPEG, Antropologia, (vol. 13). Julho de 1997, n.º 1 - Belém - PA.
- GUAPINDAIA, Vera. A Cerâmica Maracá: História e Iconografia (Cap.4). In: **Arte da Terra: Resgate da Cultura Material e Iconográfica do Pará**. 44-53p., 1999.
- GUAPINDAIA, Vera; SOUZA, Sheila M. F. & RODRIGUES, Cláudia. A necrópole Maracá da Gruta das Caretas e os problemas interpretativo em um cemitério sem enterramento. (Inédito)
- GUÉDES, Aureliano P. de L. Relatório Sobre Uma Missão Ethnográfica e Archeológica nos Rios Maracá e Anauera-pucu. **Bol. Mus. Hist. Nat. Etnogr.**, Belém, 2: 42 - 64, 1897.
- FARABEE, William C. Exploration at the mouth of Amazon. *Mus.V. Univ. Penn, Philadelphia*, 12:142-161, 1921.
- HILBERT, Klaus & BARRETO, Mauro. Relatório de viagem do projeto arqueológico de levantamento de sítios pré-cerâmicos no rio Maracá-AP. *Mus. Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 8p. Inédito, 1988.
- HUMBOLDT, Alexander v. & BONPLAND, Aimé. Voyage aux regions equinoxiales du nouveaux continent, faits dans le années 1799 a 1804. Shoel, Paris, 1807.
- MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. Práticas Funerárias das Populações Pré-coloniais e Suas Evidências Arqueológicas (Reflexões Iniciais). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. Maio de 1995.
- REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Amazonian Cosmos . The Sexual and religious Symbolism of the Tukano Indians. The University of Chicago Press. Chicago and London, 1972
- RIBEIRO, Berta G. Arte Índia. IN: RIBEIRO, Darcy. et alli, **Suma etnológica brasileira**. Editora Vozes, volume 3. Petrópolis – Rio de Janeiro, 1987.
- RIBEIRO, Berta G. Dicionário do Artesanato Indígena. São Paulo. EDUSP, 1988.
- ROOSEVELT, Anna C. Interpreting certain female images in Prehistoric art. In *Gender in precolumbian art and archeology*, edited by V. Miller. Lanham, Maryland: University Press of America. Pp. 1-34, 1988.
- ROTH, Walter E. An Introduction study of arts, Crafts and customs of the Guiana Indians. In: **Bureau of American Ethnology**. Thirty-eighth annual report of the... (1916-1917). Smithsonian Institution, Washington, 1924.
- SILVA, Aracy L da & FARIAS, Agenor T.P. Pintura corporal e sociedade: os “partidos” Xerente. IN: VIDAL, Lux. **Grafismo Indígena**. EDUSP. São Paulo, 1992.





GRUA DO CARRAPATO





